

O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: TEMPORALIDADE, SUJEITOS HISTÓRICOS, FONTES E LITERACIA HISTÓRICA NA INFÂNCIA



HISTORY TEACHING IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION: TEMPORALITY, HISTORICAL SUBJECTS, SOURCES, AND HISTORICAL LITERACY IN CHILDHOOD

FABÍOLA LOPES DE AMORIM BRITO

Ensino médio com magistério pelo CEFAM Guarulhos (2002). Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade de Guarulhos (2006) e Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (2010). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade Federal de São Carlos (2014).

RESUMO

O presente artigo analisa a relevância do ensino e da aprendizagem da História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), compreendendo esse componente curricular não como uma memorização passiva de datas, nomes de heróis e fatos oficiais, mas como um processo dinâmico de construção do pensamento e da consciência histórica. Fundamentando-se na teoria da Consciência Histórica de Jörn Rüsen, na epistemologia da História de Marc Bloch e E. H. Carr, e nas contribuições pedagógicas de Circe Bittencourt e Maria Auxiliadora Schmidt, a pesquisa investiga como crianças pequenas desenvolvem as noções de tempo histórico, mudança, permanência e alteridade. Articula-se a análise com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando o trabalho com o sujeito, a família, o grupo social, o município e a utilização de fontes históricas diversificadas em sala de aula. Discute-se o papel do professor dos anos iniciais — predominantemente um pedagogo polivalente — e a importância da formação continuada para o manuseio metodológico das narrativas históricas. Conclui-se que o letramento e a literacia histórica desde os primeiros anos da escolarização formal são indispensáveis para o fortalecimento da autonomia intelectual, do respeito à diversidade cultural e do exercício pleno da cidadania.

PALAVRA-CHAVES: Ensino de História; Anos Iniciais; Consciência Histórica; Fontes Históricas; Temporalidade; BNCC.

ABSTRACT

This article analyzes the relevance of teaching and learning History during the early years of elementary education (grades 1 through 5), viewing this curricular component not as the passive memorization of dates, names of heroes, and official facts, but as a dynamic process of constructing historical thought and consciousness. Drawing on Jörn Rüsen's theory of Historical Consciousness, the historical epistemology of Marc Bloch and E. H. Carr, and the pedagogical contributions of Circe Bittencourt and Maria Auxiliadora Schmidt, the research investigates how young children develop notions of historical time, change, continuity, and otherness. The analysis aligns with the principles of the National Common Curricular Base (BNCC), highlighting the study of the individual, the family, the social group, and the municipality, as well as the use of diverse historical sources in the classroom. It discusses the role of the early-years teacher—predominantly a generalist educator—and the importance of continuing education for the methodological handling of historical narratives. The study concludes that historical literacy from the earliest years of formal schooling is essential for strengthening intellectual autonomy, respect for cultural diversity, and the full exercise of citizenship.

KEYWORDS: History Education; Early Years; Historical Consciousness; Historical Sources; Temporality; BNCC.

INTRODUÇÃO

O ensino de História na Educação Básica, particularmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, passou por expressivas transformações epistemológicas e pedagógicas nas últimas décadas. Historicamente, a disciplina esteve vinculada a um projeto político-ideológico de construção da identidade nacional de viés positivista e ufanista. Nessa perspectiva tradicional, cabia à escola transmitir uma memória oficial linear, harmônica e asséptica, centrada nos feitos de grandes personagens masculinos, brancos e pertencentes às elites políticas e econômicas, reduzindo o papel dos alunos à memorização mecânica de datas e eventos cívicos.

Com a redemocratização do Brasil, a promulgação da Constituição Federal de 1988 e a consolidação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996), abriu-se caminho para a renovação da historiografia escolar. Influenciada pelas renovações da Escola dos *Annales*, pela História Cultural e pela História Social, a Educação Histórica passou a conceber a História como uma ciência da sociedade, em que múltiplos atores — incluindo mulheres, trabalhadores, populações indígenas, afrodescendentes e as próprias crianças — são reconhecidos como sujeitos históricos ativos.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (etapa que atende crianças aproximadamente dos 6 aos 10 anos de idade), o ensino de História assume uma função vital. É nesse momento que a criança realiza a transição da experiência imediata e afetiva do espaço familiar (típica da Educação Infantil) para o contato com a diversidade dos grupos sociais, das instituições públicas e das heranças culturais mais amplas.

Contudo, persistem desafios metodológicos consideráveis. Um dos principais reside na complexidade da noção de **tempo histórico** para crianças pequenas, frequentemente confundida com

o tempo cronológico se ceder lugar ao mecanicismo abstrato. Outro desafio diz respeito à atuação do docente pedagogo que, sendo polivalente, nem sempre recebe durante a sua formação inicial uma base sólida em Didática da História.

Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão problematizadora: *De que maneira o ensino de História nos Anos Iniciais pode ser conduzido metodologicamente para superar a memorização tradicional e promover o desenvolvimento do pensamento histórico, da temporalidade crítica e do uso de fontes primárias na infância?*

Para responder a este questionamento, o artigo organiza-se em seções que abordam a fundamentação teórico-historigráfica da disciplina, as orientações normativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a construção da noção de tempo e sujeito histórico na infância, a metodologia do trabalho com fontes em sala de aula e os desafios da formação docente.

DESENVOLVIMENTO

Para repensar a História escolar nos anos iniciais, faz-se indispensável recorrer aos aportes da historiografia contemporânea e da Didática da História, que redefiniram o estatuto do conhecimento histórico.

O historiador francês Marc Bloch, em sua obra clássica *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*, definiu a História não simplesmente como a "ciência do passado", mas como a **"ciência dos homens no tempo"**. Bloch enfatizou que o passado em si é imutável, mas a sua compreensão é um processo contínuo de interrogação empreendido pelo presente.

Edward Hallett Carr, em *Que é História?*, reforça que o fato histórico não existe em um estado puro, aguardando para ser recolhido; ele é sempre selecionado, interpretado e reconstruído pelo historiador a partir das preocupações e das perguntas do seu tempo.

Essa virada epistemológica tem implicações diretas na sala de aula. Se a História não é um conjunto de verdades acabadas e fossilizadas, a atividade de ensinar História nos anos iniciais não deve consistir na entrega de respostas prontas, mas na instauração de uma atitude investigativa, na qual os alunos aprendem a perguntar, comparar e problematizar a realidade em que vivem.

O filósofo e historiador alemão Jörn Rüsen formulou uma das estruturas conceituais mais influentes para a Educação Histórica contemporânea: a teoria da **Consciência Histórica**. Para Rüsen, a consciência histórica é a operação mental essencial pela qual o ser humano articula a experiência do passado para interpretar o presente e orientar suas ações e expectativas no futuro.

Rüsen tipifica a consciência histórica em quatro formas fundamentais de narrativa e raciocínio:

TRADICIONAL: Ancorada no respeito cego às origens, aos costumes fixos e às continuidades, onde o passado serve como modelo imutável.

EXEMPLAR: Utiliza os acontecimentos do passado como lições morais ou regras gerais de conduta (*historia magistra vitae*).

CRÍTICA: Rompe com as narrativas tradicionais e exemplares, problematizando certezas, identificando rupturas e desconstruindo mitos de dominação.

GENÉTICA: Compreende que a realidade presente é fruto de transformações dinâmicas e contingentes, em que as mudanças ocorrem no próprio fluxo do tempo, aceitando a complexidade e a alteridade.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o objetivo pedagógico é mover gradativamente o raciocínio das crianças de uma percepção puramente intuitiva ou tradicional em direção ao desenvolvimento de uma consciência histórica **crítica e genética**, capacitando-as a perceber que o mundo em que vivem não é "natural", mas sim um produto de escolhas, lutas e construções humanas ao longo do tempo.

Com a homologação da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, o componente curricular de História nos Anos Iniciais passou a ser estruturado em torno de eixos temáticos que respeitam o desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança, promovendo uma gradação que vai da escala individual e local até as escalas mais amplas da sociedade.

A BNCC organiza os conteúdos e as habilidades de História para os Anos Iniciais em uma progressão concêntrica e articulada:

- **I Ano – As fases da vida e a ideia de sujeito:** O foco reside no reconhecimento de si mesmo, da família, da escola e do grupo de convívio imediato. Explora-se a história pessoal da criança, as noções de pertencimento, as regras de convivência e as diferenças entre o *Eu* e o *Outro*.
- **II Ano – A comunidade e seus registros:** Aprofunda-se o trabalho sobre as formas de organização familiar, as lembranças da comunidade, o trabalho no campo e na cidade, e o surgimento das formas de registro (fotografias, objetos, documentos pessoais).
- **III Ano – O lugar em que vive (O Município):** O espaço de investigação amplia-se para a cidade e o município. Estuda-se a história do bairro, a formação da população local, os patrimônios culturais (materiais e imateriais), os marcos de memória (praças, monumentos) e as relações entre cidade e campo.
- **VI Ano – Transformações e deslocamentos da humanidade:** Introduzem-se os grandes processos de deslocamento humano (migrações e imigrações), o surgimento da escrita, o comércio, as rotas marítimas e a formação das primeiras cidades, com especial atenção às

contribuições dos povos indígenas, africanos e europeus na formação do Brasil.

- **V Ano – Registros da história: linguagens, cidadania e patrimônio:** O foco volta-se para os conceitos de cidadania, direitos humanos, matrizes culturais brasileiras, preservação do patrimônio histórico e as diferentes formas de registro que os seres humanos criaram para contar suas histórias ao longo do tempo.

A BNCC destaca que o aprendizado da História nos Anos Iniciais deve estar pautado no exercício de três procedimentos cognitivos essenciais:

IDENTIFICAÇÃO: Reconhecer quem são os sujeitos, quando os fatos ocorreram e onde se desdobraram.

COMPARAÇÃO: Confrontar diferentes modos de vida, tradições, tecnologias e crenças, identificando semelhanças e diferenças entre o passado e o presente, bem como entre grupos contemporâneos distintos.

CONTEXTUALIZAÇÃO: Compreender que os atos dos sujeitos do passado devem ser analisados à luz das condições materiais, culturais e mentais da época em que viveram, evitando o anacronismo.

A apreensão do tempo é uma das conquistas conceituais mais complexas para a criança. Diferente da Geografia — em que o espaço pode ser tocado e explorado sensorialmente —, o tempo não se vê diretamente; ele é percebido através de suas marcas, ritmos e representações simbólicas.

A historiadora Circe Bittencourt e a pesquisadora Maria Auxiliadora Schmidt enfatizam que a Didática da História precisa trabalhar simultaneamente com diferentes dimensões do tempo:

- **TEMPO VIVIDO (OU BIOLÓGICO/PSICOLÓGICO):** É o tempo da experiência pessoal direta da criança (o tempo de dormir, comer, brincar, o próprio aniversário). É marcado pela percepção do presente imediato.
- **TEMPO CRONOLÓGICO:** É a convenção social de medição do tempo (segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos). Envolve o aprendizado do uso do relógio, do calendário e a ordenação de sequências lógicas (antes, durante, depois; passado, presente, futuro).
- **TEMPO HISTÓRICO:** É o tempo dos processos sociais, das **mudanças** e das **permanências**. O tempo histórico não é homogêneo nem puramente linear; ele é composto por ritmos múltiplos (acelerações, estagnações, continuidades culturais e rupturas estruturais).

Para trabalhar o tempo histórico no 1º e 2º ano, o professor utiliza recursos concretos, como a **linha do tempo pessoal** e familiar da criança. Ao trazer fotos de quando era bebê e compará-las com o momento atual, a criança visualiza fisicamente as transformações ocorridas no seu próprio corpo e na sua rotina. À medida que avança para o 3º, 4º e 5º ano, a linha do tempo passa a incorporar eventos

da comunidade, da cidade e do país, promovendo a transição da micro-história individual para a macro-história social.

Uma das maiores contribuições da História renovada nos Anos Iniciais é a **desconstrução da figura do herói único e salvador**. A narrativa tradicional frequentemente apresentava a história do Brasil como um produto exclusivo de personagens ilustres (Pedro Álvares Cabral, Dom Pedro I, Princesa Isabel), relegando a imensa maioria da população ao papel de assistentes passivos.

A prática pedagógica contemporânea propõe o reconhecimento dos **sujeitos históricos no cotidiano**. Todos os seres humanos, ao trabalharem, produzirem cultura, resistirem às injustiças, educarem seus filhos e transformarem a paisagem, fazem História.

Nesse sentido, o cumprimento das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 torna-se indispensável nos anos iniciais. O ensino de História deve dar visibilidade às cosmologias, às lutas e às contribuições dos povos indígenas e das populações afrodescendentes, apresentando-os não como vítimas passivas ou meros elementos folclóricos, mas como sujeitos ativos, criadores de saberes, tecnologias e manifestações culturais que moldaram e continuam a moldar a sociedade brasileira.

Uma das inovações metodológicas mais fecundas para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental é a introdução do trabalho com **fontes históricas primárias**. A fonte histórica é o vestígio, o rastro deixado pelos seres humanos no tempo.

Trabalhar com fontes na infância transforma a sala de aula em um espaço de investigação, onde os alunos atuam analogamente ao ofício do historiador (método inquisitivo/investigativo).

O professor pode e deve diversificar a tipologia das fontes apresentadas às crianças:

FONTES MATERIAIS E OBJETOS DA CULTURA MATERIAL: Brinquedos antigos, utensílios domésticos (um ferro de passar a carvão, uma máquina de datilografar, um disco de vinil), roupas, moedas e ferramentas de trabalho. A manipulação tátil desses objetos desperta o espanto e a curiosidade: "*Como as pessoas passavam roupa sem eletricidade?*", "*Do que era feito esse brinquedo no tempo dos meus avós?*".

FONTES ICONOGRÁFICAS E VISUAIS: Fotografias antigas da família e do município, pinturas, gravuras, mapas históricos, charges e cartões-postais. A leitura de imagem exercita o olhar crítico da criança para identificar vestuários, meios de transporte, arquitetura e ausências na imagem.

FONTES ESCRITAS: Certidões de nascimento, diários pessoais, cartas antigas, jornais de época, boletins escolares do passado e documentos oficiais adaptados.

FONTES ORAIS: Depoimentos e entrevistas com idosos da comunidade, avós, trabalhadores locais e mestres da cultura popular (História Oral).

FONTES IMATERIAIS E AUDIOVISUAIS: Músicas, cantigas de roda, lendas, mitos, relatos orais

transmitidos entre gerações, filmes e programas de rádio.

Para que o trabalho com fontes históricas não se reduza à mera ilustração, o docente deve guiar as crianças através de um roteiro de problematização pedagógica:

- **IDENTIFICAÇÃO:** O que é este objeto/documento? Quem o produziu? Quando foi feito?
- **ANÁLISE INTERNA:** O que este documento mostra ou diz? De que material é feito? Quais são as suas cores, detalhes e escritas?
- **CONTEXTUALIZAÇÃO E LEITURA CRÍTICA:** Para que servia este objeto? Quem o utilizava? Todas as pessoas daquela época tinham acesso a ele? O que mudou de lá para cá? O que permanece igual?

Ao responder a essas perguntas, as crianças aprendem que os objetos e documentos não "falam por si mesmos"; eles respondem às perguntas que nós formulamos. Esse exercício desenvolve a **literacia histórica** e o pensamento crítico, ensinando os alunos a duvidar de verdades absolutas e a buscar evidências antes de emitir julgamentos sobre a realidade social.

O ensino de História nos Anos Iniciais encontra em outros campos do conhecimento — como a Literatura Infantil e a Educação Patrimonial — parceiros estratégicos para o enriquecimento da prática pedagógica.

A Literatura Infantil é uma das ferramentas mais potentes para aproximar as crianças de tempos e lugares distantes. Narrativas literárias de cunho histórico ou memorialístico permitem que o aluno exerça a **empatia histórica** — a capacidade de compreender os sentimentos, os dilemas, as motivações e as visões de mundo dos sujeitos que viveram em outras épocas, sem emitir julgamentos anacrônicos.

Livros como *A Bolsa Amarela* (Lygia Bojunga), *Meus Próprios Botões* ou obras que abordam a infância em diferentes períodos históricos e matrizes culturais (como contos indígenas recolhidos por Daniel Munduruku ou histórias da diáspora africana contadas por Ana Maria Machado e Rogério Andrade Barbosa) criam pontes sensíveis entre o conhecimento acadêmico e o universo afetivo da infância.

Entretanto, o professor deve estar atento para que o texto literário não seja confundido com o documento histórico em si. A literatura oferece uma representação estética e fabulada do real, que pode e deve ser confrontada com os fatos e contextos pesquisados nas fontes históricas.

A **Educação Patrimonial** nos Anos Iniciais visa constituir um processo alfabetizador centrado na leitura do patrimônio cultural material (edificações, praças, monumentos, centros históricos) e imaterial (festas populares, saberes tradicionais, culinária, danças).

A realização de estudos do meio (visitas orientadas a museus, arquivos públicos, centros

culturais, feiras livres e edifícios antigos do município) permite que as crianças percebam a cidade como um documento vivo. Ao observar uma igreja centenária ao lado de um arranha-céu espelhado, o aluno visualiza concretamente a sobreposição de diferentes tempos históricos no mesmo espaço urbano, compreendendo as noções de conservação, destruição e preservação do patrimônio histórico-cultural.

A consolidação de uma prática inovadora no ensino de História nos Anos Iniciais esbarra, frequentemente, nos dilemas da formação do professor alfabetizador e pedagogo.

No Brasil, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental são ministrados predominantemente por pedagogos polivalentes, responsáveis por lecionar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia e História. Estudos sobre os currículos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia revelam que a carga horária destinada às Metodologias e Didáticas das Ciências Humanas (História e Geografia) é, muitas vezes, reduzida quando comparada à prioridade dada aos processos de alfabetização linguística e matemática.

Em decorrência dessa fragilidade formativa inicial, muitos professores tendem a reproduzir em sala de aula as mesmas práticas tradicionais com as quais foram escolarizados na infância: o uso exclusivo do livro didático como verdade única, a cópia de textos da lousa, o preenchimento de fichas de datas comemorativas e a realização de tarefas centradas na memorização superficial.

Para superar esse entrave, torna-se imperioso promover políticas públicas e institucionais de **formação continuada** que aproximem os pedagogos das discussões contemporâneas da Educação Histórica.

O professor dos Anos Iniciais precisa desenvolver o que a pesquisadora Lee Shulman denomina de **Saberes do Conteúdo Pedagógico** (*Pedagogical Content Knowledge*). Não basta ao pedagogo saber o conteúdo histórico factual; é preciso saber *como transformar* o conhecimento histórico em objeto de ensino inteligível, lúdico e instigante para a criança de 6 a 10 anos.

Isso exige que o professor:

- Domine os conceitos fundamentais da ciência histórica (tempo, fonte, sujeito, mudança, permanência, causalidade);
- Saiba selecionar e problematizar fontes históricas adequadas à faixa etária dos alunos;
- Supere a visão utilitarista das datas comemorativas, transformando-as em momentos de reflexão crítica sobre a memória e a história;
- Promova a articulação interdisciplinar entre o ensino de História, a alfabetização e a literatura infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desenvolvida neste artigo evidencia com clareza que o ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental não pode ser negligenciado nem reduzido a uma mera transmissão de fatos petrificados e memórias oficiais. A História é uma linguagem fundamental para o desenvolvimento da inteligência social, da sensibilidade moral e do raciocínio crítico da criança.

Ao iniciar o aprendizado da História desde o 1º ano, encorajando o aluno a investigar sua própria trajetória, a história de sua família, de sua comunidade e do seu país por meio de fontes materiais, visuais, orais e escritas, a escola promove a passagem de uma visão ingênua da realidade para a construção de uma **consciência histórica crítica e emancipatória**.

Fundamentar a prática pedagógica nos aportes de Marc Bloch, Jörn Rüsen, Circe Bittencourt e nas diretrizes da BNCC permite desconstruir o heroísmo elitista e colonialista, abrindo espaço para o reconhecimento dos povos indígenas, das populações afrodescendentes, das mulheres e dos trabalhadores como os verdadeiros construtores da sociedade brasileira.

Para que essa perspectiva se efetive de modo pleno em todas as escolas brasileiras, torna-se urgente valorizar o papel do professor pedagogo, oferecendo-lhe condições de trabalho dignas, acervos bibliográficos e de fontes nas escolas, e programas contínuos de formação docente em Didática da História.

Em suma, ensinar História às crianças pequenas é garantir-lhes o direito fundamental de compreender de onde vieram, onde estão e como podem atuar autonomamente para transformar o presente e construir um futuro mais justo, inclusivo, democrático e fraterno.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício de historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino

a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

CARR, Edward Hallett. *Que é história?* 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPAR, Carmen Teresa (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.* Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2014.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica.* Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma narrativa da história racional.* Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar história.* 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; URBAN, Ana Claudia. *A aprendizagem do tempo histórico nos anos iniciais do ensino fundamental.* Revista História Hoje, v. 5, n. 9, p. 145-167, 2016.

SHULMAN, Lee S. *Knowledge and teaching: Foundations of the new reform.* Harvard Educational Review, v. 57, n. 1, p. 1-23, 1987.

SIMAN, Lana Mara de Castro. *A temporalidade histórica como dado de aprendizagem no ensino de História.* In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O ensino de História: estudos sobre currículo e formação de professores.** São Paulo: Cortez, 2000.